

## ENTRE OS NUER: UMA IGREJA MINISTERIAL FUNDADA PELOS CATEQUISTAS

Durante 25 anos centenas de catequistas leigos evangelizaram as zonas rurais do território Nuer (Sul Sudão) sem o apoio de missionários ou de instituições eclesiais. Fundaram centenas de comunidades católicas auto-suficientes, do ponto de vista económico, ministerial e missionário. O território Nuer é muito vasto e paludoso, e apesar disso a maior parte das viagens de missão foram feitas a pé. Desafiaram muitos obstáculos no seu empenho missionário:

1. O novo território Nuer é muito extenso e paludoso e a grande maioria das viagens missionárias foi feita a pé.
2. A guerra pô-los em constante perigo, de facto a nossa paróquia conta 16 catequistas mártires: 6 durante a guerra de independência (1983-2005), 10 durante a primeira guerra civil no Sul Sudão (2013-2018), incluindo também dois animadores jovens e um seminarista.
3. Alguns viveram a prisão porque o território Nuer era considerado uma «zona protestante» e não era permitido aos católicos entrar nele. De facto, durante o período colonial os ingleses tinham dividido o Sudão em «zonas religiosas», de modo a que uma religião ou uma igreja não pudesse desenvolver qualquer actividade na área de uma outra.
4. A falta de meios e recursos para a evangelização por causa da pobreza do povo Nuer devido à guerra e à ausência de instituições eclesiais em apoio da sua obra missionária.

Os catequistas usaram dois métodos muito simples, mas eficazes. Acima de tudo, faziam contínuas viagens missionárias. Quando chegavam a uma aldeia, uma família acolhia-os. A hospitalidade é um grande valor na cultura do Nuer. Começavam a pregar na casa onde eram acolhidos e nos locais públicos, e pouco a pouco a gente unia-se a eles. Depois formaram o seu catecumenato e a este grupo foi dada uma formação mais formal. Ao domingo celebravam a liturgia da Palavra debaixo de uma árvore; muitos curiosos iam ver, e depois de vários domingos uniam-se ao catecumenato. Um outro método era escolher uma família missionária e enviá-la a viver numa outra aldeia onde a Igreja não tinha sido fundada. Quando chegava ao local, a família missionária começava a recitar o terço todos os dias na sua casa, ao domingo fazia a liturgia da Palavra, depois da qual atravessavam a cidade trajados, levando as bandeiras católicas, tocando tambores e entoando cânticos católicos. As pessoas intrigavam-se e perguntavam-lhes porque é que se comportavam de modo diferente da gente comum. Em resposta contavam-lhes acerca da sua fé católica e de como Jesus tinha transformado as suas vidas. Quando tinham um bom número de catecúmenos, chamavam um catequista itinerante cujo ministério era o de ensinar e organizar a nova comunidade eclesial.

Quando os catecúmenos estavam prontos para o baptismo, vinha um catequista a quem estava confiado o ministério de baptizar. À sua chegada organizava-se uma visita às casas dos catecúmenos para identificar e queimar os objectos da velha religião como sinal da sua conversão. Numa solene celebração da Palavra de Deus eram batizados os novos católicos. Catequistas e católicos de outras

comunidades participavam na celebração e festejavam a nova comunidade que tinha nascido.

Depois elegiam entre as pessoas recém batizadas os ministros para os serviços necessários para reforçar e fazer crescer a nova comunidade. Escolhiam um catequista para continuar a ensinar a fé católica, um outro catequista de apoio; um terceiro catequista-ensinante para ensinar aos filhos para que a gente pudesse ler e escrever na sua língua e ler a Bíblia. Escolhiam também dois guias para os jovens, formavam grupos juvenis, de canto e dança litúrgica. Escolhiam-se também as guias para as mulheres, no grupo da Legio Mariae; alguns catequistas para ser missionários itinerantes e algumas famílias missionárias. Algumas famílias foram escolhidas também para o ministério da hospitalidade e formaram um comité para a construção da sua capela.

Numa palavra, instituíram comunidades e ministérios, com a capacidade de desenvolver-se e reforçar-se. Comunidades missionárias que desde o início enviaram missionários itinerantes e famílias missionárias a outras comunidades. Comunidades auto-suficientes, porque todas as actividades missionárias foram financiadas com recursos próprios: envio de missionários, preparação de comunidades e reforço das mesmas, construção de capelas e estruturas necessárias para o trabalho pastoral, apoio aos seus catequistas, cuidado dos hóspedes, tambores, trajes, bandeiras, escolas para ensinar a ler e escrever em Nuer, etc. Os catequistas formaram comunidades com uma clara identidade católica: sempre rezaram a Deus pelo Papa e para pedir-lhe o envio de missionários, porque a Igreja católica não era completa sem a Eucaristia. Por fim, deslocaram-se até Nairobi para pedir aos combonianos – que ali tinham a casa provincial naquele tempo de guerra – para mandar presbíteros para celebrar a Eucaristia.

O primeiro dos combonianos que chegou a Leer, centro de todas as operações missionárias dos catequistas, para estabelecer uma presença missionária, ficou profundamente surpreendido com o que encontrou, pelo trabalho missionário desenvolvido pelos catequistas que, movidos pela força do Espírito, tinham criado toda uma Igreja local auto-suficiente, ministerial e missionária. Compreenderam que o Espírito Santo operava maravilhas através dos catequistas e teria sido um grande erro ignorar tudo o que tinham encontrado. Compreenderam que as pessoas de Nuer são inteligentes, criativas, entusiastas, zelantes no seu empenho, capazes de guiar a Igreja sozinhos e de enviar missionários.

Perante esta realidade, os missionários escolheram, como metodologia, acompanhar os líderes leigos e formá-los para que continuassem a ser protagonistas da sua evangelização e a promover comunidades auto-suficientes, ministeriais e missionárias. Também escolheram caminhar com a gente, usando meios simples para o trabalho missionário e, como os catequistas, viajaram por todo o território da paróquia a pé, caminhando como faziam e continuam a fazer os catequistas.

**Para a reflexão pessoal e comunitária:**

- O que é que me interpela desta experiência de colaboração? Porquê?
- O que é que me desafia desta experiência? Por qual razão?
- O que é que nos diz como comunidade?